

**o mais difícil do capitalismo |
é encontrar o sítio onde pôr as bombas |
poesia |
[versão prévia para degustação]**

judite canha fernandes | 2014

reinação

queres o meu reino?
perguntou o rei ao rato
lambendo-lhe a orelhinha

o valor de mercado da minha boca

já não resta
nada de meu
na minha boca

nunca estive tão quente
- hot mesmo -
a minha boca inflamada de palavras
de febre
todas as noites em prime time

i'm on my prime!

já só ouço o saltitar
da máquina registadora

já tenho ouvidos de mercadoria
já escrevo o que não digo
já faço o que não vejo
já digo o que não faço
já dou conselhos ao mundo
já sei que o problema são os outros
- as outras não contam, sejamos pragmáticos se faz favor! -
já lambo o que não como
já só como caviar

só me falta
a televisão
a ulular à volta das minhas palavras
de joelhos

[eu humilde como as pombas nos estádios]

e
depois
a minha boca,
finalmente,
entrará na bolsa
e terá valor de mercado.

natália

creio
nas cores dos cartazes
creio
nas coisas desnecessárias
creio
no tamanho dos ferraris
creio
na religiosidade dos mercados
creio
na felicidade das compras
creio
nas guerras que salvam
creio
na felicidade do silêncio

creio
na bondade das renas

só
não creio

em
m
i
m

em ti

em
n
ó
s.

o clima está a ferver por todo o lado

em cada cimeira
o mundo volta ao contrário
de tanto lhe remexerem
os bolsos

selo de qualidade

para quando uma empresa que garanta
o selo internacional
“100% livre de suor e sangue”

let's get crazy!

para quando uma empresa que garanta
o selo internacional
“100% livre”

poder

quem pode
bebe
whisky
quem não pode
bebe
água

[compreenda-se que a água não anda ao preço da chuva
e que a chuva é ácida]

esclarecimento

a troika
é uma empresa mortuária
internacional
que enterra países
a preços elevados

capantalismo

há lugares que não podem ser descritos
lugares onde moram estrelas e pássaros
onde se vê a crueldade a passear pelas ruas
de rosto empoadado e sorriso tranquilizador

me | méééé

ensaio desaparecer
no meio da rua
ensaiei
tão bem
que levei
com um saco na cabeça

porque oiço o rebanho
e me lembro do matadouro?

as despesas do meu corpo

que cortes mais posso fazer
às despesas do meu corpo

ficar doente não posso
- disse o ministro -
mas fiquei

os seres humanos
são menos humanos
se fumarem
ou
se
beberem
- disse outro ministro -
e eu fumei
e eu bebi

[os governantes falam
mesmo depois de toda a gente
os ter mandado calar]

o futuro é um luxo
- disse uma secretária de estado -
e eu queria tanto ter um

deixarei
de cortar o cabelo
as unhas
de comer
e o que for preciso

serei

uma boa máquina
vou ouvir
os senhores

deixar
de investir
em coisas supérfluas
em despesas do meu corpo

onde não puderes amar, não te demores.

amo os poemas,
como amo poucas coisas
e nenhuma pessoas.

é a única forma que vejo disponível de perceber o mundo.
(se não, perco-me)
percebo à medida que sinto
(se não, não percebo)

hoje acelerei a manhã para ficarem poucas coisas para fazer
(alguma vez haverá dias sem nada para fazer?)
e poder fazer um poema
com esta coisa das pessoas me mandarem tantos beijos ao mural.

vejamos então.
mais um ano.
o país definha ao som de escorpiões bem falantes em várias línguas.
o mundo - com poucas ou nenhuma exceções - segue o mesmo
ritmo deste comércio.

as pessoas arrastam-se, sobrevivem, fogem, migram.
omitem-se todas as outras que refazem a liberdade do vento e do
frio.
a Monsanto em breve descobrirá uma forma de patentear o sangue
das galinhas.
a Zara uma forma de pagar dois centavos ao mês numa fábrica
carbonizada no Bangladesh.

continuamos a reinventar mais a guerra que o amor.
(e, diz-se, tal acontece desde o início dos tempos)

aguarde-se.

hoje, como todos os dias, era bom mais alegria nas escadas para
amanhã.

a minha filha nunca parou de crescer as nuvens.

ou de me pôr verde nos olhos.

e tantas pessoas me aquecem as esquinas.

portanto.

aguarda-se

ainda

que a esperança seja maior que o medo.

é a única forma da esperança.

nos quintais. nas camas. na internet.

as cidades desertas

em cidades desertas da humanidade
ainda se há de encontrar
um cravo
soprado pelos teus lábios

carta de amor I

diz-me o nome
do presidente
da goldman sachs
e o número
da conta
[perdão]
da casa
dele
que eu mando-lhe
uma carta
de amor.

carta de amor II

os príncipes,
minha querida,
fazem branqueamento de capitais.

para quando escureça – que é hoje

está tão quieto o mundo
até parece que estou sozinha

nunca senti
o coração tão puro
e a alma tão devastada

o mundo tá fora da lei

e está demasiado inverno para mim

síntese

fui à televisão ver
se o mundo tinha mudado
assisti
a vinte minutos de publicidade.

**o mais difícil do capitalismo
é encontrar o lugar onde pôr as bombas**

o capitalismo é transparente
o sacana
se fosse apenas
uma antena de camarão espetada na boca
saía.

adeus.

carta de amor III

ter consciência do outro
da outra
sem que o outro
a outra
sejam uma sombra
no assombro
que nos move.

ai!

que a gente
invade
a rua
de felicidade
e o governo cai.

ai!